

**BAIRROS NEGROS: RUPTURA EPISTÊMICA DO PAN-
AFRICANISMO NO BRASIL****BLACK NEIGHBORHOODS: EPISTEMIC BREAK OF PAN
AFRICANISM IN BRAZIL****BARRIOS NEGROS: RIESGO EPISTEMICO DEL PAN AFRICANISMO
EN BRASIL**Henrique Cunha Junior¹**RESUMO**

O artigo apresenta o conceito de Bairros Negros como uma ruptura no conhecimento científico urbanístico e das ciências humanas brasileiras. Organiza-se dentro da ideia de que a epistemologia pode ser vista como a filosofia da ciência, dentro da qual se estuda a estrutura e os métodos do conhecimento, como também as necessidades e validade desses. Procura demonstrar que a ciência racionalista cartesiana e a sua hegemonia estão em crise na Europa e essa crise não é percebida no Brasil. Crise, que por si só implica em mudanças e rupturas. Situa a produção do conceito de Bairros negros dentro das necessidades e especificidades das populações negras na ciência brasileira, como parte do pensamento negro e do pensamento Pan Africanista.

Palavras-chave: Bairros negros; População negra; Epistemologia da ciência; Urbanismo brasileiro.

ABSTRACT

The paper presents the concept of Black Neighborhoods as a rupture in urban scientific knowledge and Brazilian human sciences. It is organized within the concept that epistemology can be seen as the philosophy of science, within which the structure and methods of knowledge are studied, as well as the needs and validity of knowledge. It seeks to demonstrate that Cartesian rationalist science and its hegemony are in crisis in Europe and that crisis is not perceived in Brazil. Crisis that in itself implies changes and ruptures. It places the production of the concept of Black Neighborhoods within the specific needs of black populations in Brazilian science, as part of black thinking and Pan Africanist thinking.

Keywords: Black neighborhoods; Black population; Epistemology of science; Brazilian urbanism.

¹ Doutor em Engenharia – Instituto Politécnico de Lorraine – Nancy – França. Professor Visitante do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. E-mail: cunhahenrique@yahoo.com.

RESUMEN

El artículo presenta el concepto de Barrios Negros como una ruptura en el conocimiento científico urbano y las ciencias humanas brasileñas. Está organizado dentro de la idea de que la epistemología puede verse como la filosofía de la ciencia, dentro de la cual se estudian la estructura y los métodos del conocimiento, así como las necesidades y la validez del conocimiento. Busca demostrar que la ciencia racionalista cartesiana y su hegemonía están en crisis en Europa y que la crisis no se percibe en Brasil. Crisis que en sí misma implica cambios y rupturas. Coloca la producción del concepto de Barrios Negros dentro de las necesidades específicas de las poblaciones negras en la ciencia brasileña, como parte del pensamiento negro y el pensamiento panafricanista.

Palabras clave: Imagen; Derecho autorial; Pandemia; Adaptación; educación a distancia.

AS RAZÕES E OS SIGNIFICADOS DAS RUPTURAS CIENTÍFICAS.

O controle hegemônico europeu mundial foi um feito histórico dos séculos 19 e 20. Controle esse, resultante de invasões, massacres, destruição de cidades, aprisionamentos em massa, deportações e todas as formas de violência. Os elementos militares e os religiosos foram estruturantes para o acesso à hegemonia do ocidente sobre boa parte da humanidade. Dentre os fatores da dominação figura o controle dos conhecimentos. A cultura, a geografia, a história, a informação, as formações e a ciência foram campos importantes no controle do conhecimento. Mas, não foi apenas uma simples tarefa eurocêntrica de controlar a produção e a difusão dos conhecimentos e eliminar as possibilidades de demais conhecimentos serem reconhecidos e difundidos; o processo de hegemonia ocidental foi também um processo em tornar imbecil as demais populações dominadas. Desapropriá-las dos conhecimentos e limitar ao máximo o acesso aos conhecimentos europeus, portanto a produção do conhecimento fora do controle eurocêntrico foi cientificamente ignorada, ridicularizada, fortemente contestada e cerceada. O controle do modo de produção científica é organizado em torno das academias, das associações científicas, das revistas científicas, dos editores, bibliotecas e livrarias, portanto os grupos que não possuem editoras próprias e livrarias próprias são eliminados ou pelo menos restringidos da participação no mundo do conhecimento, não pela ausência de produção, mas pela impossibilidade de divulgação.

Três monumentais trabalhos científicos explicam em detalhes a construção do controle da ciência, do controle eurocêntrico sobre as ciências e sobre os conhecimentos em escala quase que mundial. Thomas Kuhn com a Estrutura das Revoluções Científicas (KUHN, 1962), Martin

Bernal com *Black Athena* (BERNAL, 1987, 1991, 2004) e Janet Abu-Luhhad com *Before European Hegemony* (ABU-LUHHAD, 1989).

A estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn, lançada em 1962 mostra como os grupos no interior da ciência se digladiam do predomínio de determinados paradigmas mesmo quando eles estão superados e não funcionam para os novos problemas. Thomas Kuhn demonstra que não existe o rigor científico e nem a pureza científica e que as denominadas ciências são construções humanas baseadas em acordos e também resultados de valores sociais, conseqüentemente construções sociais e históricas. Disso deveria ter resultado uma nova compreensão acerca dos processos científicos e não foi o que ocorreu. Na revelação de Thomas Kuhn fica transparente que o grupo hegemônico é passível de rupturas e de divergências formando um bloco nem sempre coeso. Marxistas e não marxistas disputam a hegemonia da ciência eurocêntrica, no entanto são também eurocêntricos e impõem os seus valores sobre os demais grupos humanos. As independências africanas provocaram uma discussão imensa em torno dos paradigmas dos socialismos africanos e dos socialismos europeus (CHARLES, 1965; BOYON, 1963). Discussão política e intelectual que ganhou o viés do dominador europeu devido às oposições colocadas, como a do socialismo científico europeu marxista e o socialismo empírico africano e sem ser tratado no campo da ciência, discussão essa que levou africanos na década de 1960 a romperem com muitos dos aliados ocidentais. Sendo, entretanto uma discussão que não se restringe a africanos e europeus, existem também os governos e partidos comunistas asiáticos, participam os grupos islâmicos e os movimentos negros nas Américas.

Entre 1954 e 1964, houve outro cenário particular dessa discussão entre os intelectuais africanos e os soviéticos (KATSAKIORIS, 2006), nessa se destacou a carta de Leopoldo Senghor de 1961,

Repito mais uma vez: "Negritude" não é racismo. Consideramos que todas as raças, todos os continentes, todos os povos contribuem para a civilização mundial. Negritude é o conjunto de valores culturais do mundo negro. O sistema soviético não nega os elementos permanentes da cultura russa, e está certo. Nós também, do nosso lado, na construção do socialismo africano, somos consistentes com os elementos que compõem a civilização negro-africana tradicional. O povo russo deu sua própria interpretação do marxismo com base na natureza da realidade russa. De nossa parte, queremos interpretar o marxismo com base na realidade negro-africana (KATSAKIORIS, 2006, p. 15).²

² Tradução livre do autor: Je le répète encore une fois: la « négritude » n'est pas du racisme. Nous considérons que toutes les races, tous les continents, tous les peuples apportent leur contribution à la civilisation mondiale. La négritude est l'ensemble des valeurs culturelles du Monde Noir. Le système soviétique ne dénie pas les éléments permanents de la culture russe, et cela est juste. Nous aussi, de notre

No início da década de 1960, a maioria dos presidentes africanos tendo como principal articulador Leopoldo Senghor do Senegal, manifestaram uma rejeição aos princípios do marxismo contidos na luta de classe e no materialismo ateu, visto a religião ser importante em todas as sociedades africanas. Como resposta africana aos socialistas europeus se tornou famosa a frase de autoria do político do Gabão Gabriel d'Arboussier: “o socialismo africano terá como base a noção do poder do direito e não essa da ditadura de classes” (no original: “Le socialisme africain sera fondé sur la notion de la puissance du droit et non sur celle de la dictature de classe”)

Na “Black Athenas”, a Atenas Negra de Martin Bernal editada em 1987, figuram três propostas que deveriam mudar o mundo do pensamento ocidental sobre as origens do conhecimento ocidental na Grécia. Bernal rejeita a teoria de que a civilização grega foi fundada por colonos indo-europeus da Europa Central. Ele chama essa teoria de modelo ariano e que se tornou geralmente aceita durante o século XIX. Bernal defende a ideia de que a Grécia se constituiu a partir de influências egípcias e fenícias, demonstra que o pensamento ocidental dos últimos 250 anos é que fabricou a ideologia sobre a Grécia e sobre os conhecimentos Gregos. (BERNAL, 1987; 1991; 2004). Conforme as proposições de Bernal a falsificação da Grécia como fonte do conhecimento ocidental, a partir da filosofia e da matemática pode facilmente ser conferida, visto que um número de pensadores e pensadoras nomeados como gregos na história dessas ciências não nasceram na Grécia e nem viveram nesse país (CUNHA JUNIOR, 2010).

Também, Janet L. Abu-Lughod, com a obra “Antes da hegemonia europeia: O sistema mundial 1250-1350 d.C”, fez um trabalho importante e seminal para desmistificar os pressupostos do urbanismo e da história urbana ocidental. Por ter vivido no Cairo e estudado a cultura e urbanismo islâmico explora um universo amplo de conhecimentos pouco difundidos no ocidente principalmente em relação ao campo dos estudos de cidades e do urbanismo, para os quais a influência intelectual e o significado do livro de Janet L. Abu-Lughod foram essenciais e permanentes, influenciando a emergência e consolidação de perspectivas pós-eurocêntricas da história global, que radicalmente reinterpretaram as origens e o

côté, en construisant le socialisme africain, nous sommes conséquents avec les éléments qui composent la civilisation négro-africaine traditionnelle. Le peuple russe a donné sa propre interprétation du marxisme en s'appuyant sur la nature de la réalité russe. De notre côté, nous voulons interpréter le marxisme en s'appuyant sur la réalité négro-africain (KATSAKIORIS, 2006).

desenvolvimento histórico do sistema mundial. Janet L. Abu-Lughod não somente nega a existência de uma idade média pouco iluminada na África e na Ásia, demonstrando a importância das cidades africanas e asiáticas, como também mostra o desenvolvimento de conhecimentos e de redes mundiais comerciais mais equilibradas e menos predadoras do que as estabelecidas depois da inclusão dos europeus nos mercados e das suas embarcações munidas de canhões. Em síntese ela demonstra a existência de ciência e cultura importante fora da Europa e que inclusive serviu de base para o desenvolvimento da Europa e da ciência europeia.

Os três trabalhos acima citados são alguns, dentre muitos outros que possibilitam desconstruir muito do que se pensa sobre a ciência ocidental e também sobre a hegemonia científica ocidental, visto que aparentemente a difusão desses conhecimentos é mínima e as formações acadêmicas seguem eurocêntricas e racistas. Os problemas não residem apenas na produção do conhecimento e sim na sua difusão e no rompimento das barreiras conservadoras dos partidos políticos e das hegemonias ideológicas eurocêntricas.

Inclusive, mesmo que o Pan Africanismo tenha sido oficialmente estabelecido apenas em 1900, muito antes desse período intelectuais africanos e descendentes desses já haviam estabelecido parâmetros autônomos de produção do conhecimento com relação à Europa (LEGUM, 1962). Posteriormente o universo do produzido se ampliou, no entanto, permaneceu invisível para a formação intelectual ocidental e principalmente brasileira. Um dos marcos magistral do conjunto Pan Africano foi a edição em 1981 da Enciclopédia História Geral da África, feita por africanos, com métodos africanos de produção de conhecimento (UNESCO, 1981), (MAUREL, 2014). A descolonização do conhecimento estava sintetizada nessa coleção cuja utilidade como referência permaneceu limitada. Os seus volumes não fazem parte das bibliografias das diversas disciplinas estudadas nas universidades brasileiras e raramente existem as formações que ela propicia.

Nas proposições de autonomia intelectual e de renovação dos conhecimentos em relação aos europeus figuram diversos brasileiros que são importantes para formação de um campo de pensamento negro brasileiro. Quando estamos falando em pensamento negro, isto implica num conjunto amplo de setores de pensadores, alguns fortemente ancorados na cultura negra, alguns de pensamento socialistas (no entanto sem ênfase no marxismo), alguns socialistas de grande coesão marxista, alguns irrigados pelos movimentos internacionais como o pan-africanismo e o movimento da negritude, alguns nas novas tendências do pensamento feminista, alguns fortalecidos pelo rastafarianismo, alguns dentro das tendências dos movimentos sociais e dos

partidos políticos e assim por diante (alguns e alguns, nós no geral, não uns e outros no molde eurocêntrico). Muitos desses autores também permanecem pouco citados e pouco difundidos dentro da maré atual de ideias reivindicadas com rótulos de pós-colonialidade, decolonialidade ou pensamento sul-sul. Persistem embates ideológicos que invisibilizam autores africanos e afrodescendentes brasileiros.

Os fenômenos urbanos estão relacionados com os aspectos das formações das identidades e dos direitos às cidades, sendo necessárias as devidas conceitualizações com base no pensamento negro e no Pan Africanismo. Africanidade e afrodescendência, são dois conceitos resultantes do Pan Africanismo que embasam os conceitos de população negra e de bairros negros. Nesse artigo são apresentados alguns predecessores brasileiros e Pan africanistas que se configuram como grandes articuladores do pensamento negro atual na formulação desses conceitos e suas potencialidades no campo do pensamento estrutural. O artigo na sua estrutura procura demarcar que não estamos diante de formulação atual de rupturas e sim que essas já vinham ocorrendo, sem, contudo, serem divulgadas como tal.

O controle do conhecimento é uma peça fundamental para o controle urbano e para a repartição urbana entre os grupos sociais. As normas urbanas legalizam o espaço urbano para os grupos detentores dos conhecimentos jurídicos, construtivos, sanitários e políticos. Parte importante do que recebe o nome de conhecimento científico e por causa desse título de científico é considerado neutro, universal e correto, mesmo não sendo, controla o conhecimento que organiza os espaços urbanos; ideias são aceitas como legítimas para os códigos urbanos, por serem ideias pertencentes aos grupos sociais dominantes, brancos e eurocêntricos. A introdução dos conceitos de população negra e de bairros negros é uma possibilidade de ruptura epistêmica sobre a discussões das questões urbanas brasileiras na ótica dos movimentos negros e do Pan-africanismo.

BAIRROS NEGROS - UMA RUPTURA COM A TRADIÇÃO URBANÍSTICA BRASILEIRA

A ciência pós-moderna superou as teorias sociais clássicas em torno da tríade, classe, estado e capitalismo, como formas de análises racionalistas efetivas para as explicações das sociedades europeias. Como marcas da superação quatro conceitos são bastante difundidos nas novas ciências, a complexidade (PRIGOGINE; NICOLIS, 1989), (PRIGOGINE; STENGERS, 1984), a transdisciplinaridade, a diversidade e a sinergia (BEN-ELI, 2019), (CORNING, 1995). A

epistemologia da complexidade configurou-se como um ramo da epistemologia do conhecimento que estuda os sistemas em sua complexidade e os fenômenos emergentes associados, de onde se origina a teoria do caos e seus derivados. Fenômeno que cria um dicionário de termos nas ciências humanas como: auto-organização, autopoiese, imprecisão, construtivismo, incerteza, conectividade, diversidade, fluxos, rizomas e ressonâncias. A transdisciplinaridade e a diversidade são necessidades para trabalhar com a complexidade. Os sistemas são complexos devido à diversidade de fatores, de elementos ou de grupos sociais em presença. A diversidade implica em uma integração de disciplinas. A sinergia é um resultado interessante, onde as causas de fenômeno quando combinadas resultam em efeitos maiores do se aplicadas separadamente. Foram padrões científicos emergentes que resultaram na superação do cartesiano analítico no final do século passado.

Em 1955, no contraponto de europeus de inspiração africana, o sociólogo francês Georges Balandier baseado nas suas pesquisas africanas, auxiliado por geógrafos, também africanos lançou um livro com o nome de Sociologia das Brazzavilles Negras, que passou despercebido por quase 30 anos e que poderia ser considerado o guia dos intensos debates epistemológicos que se produziram nas décadas de 1960 e de 1970 sobre a sociologia urbana e sobre as ciências sociais, bem como sobre as rupturas de perspectivas de pesquisa no ocidente (BALANDIER, 1955, 1985). Nesse estudo o autor procurou definir um conjunto urbano em formação e manifestar a lógica que ligava todos os seus componentes, assim como as contradições que dele resultavam e que não era apenas a lógica do capital e nem somente da colonização europeia, incluía também o dinamismo da cultura africana no processo de transformação urbana. Continha dois grandes anúncios, a complexidade e a cultura como fatores importantes a serem considerados na ruptura epistemológica com a racionalidade eurocêntrica cartesiana. A pesquisa evidenciou que ele conhecia os fundamentos das filosofias das sociedades africana e a dinâmica das energias e as incorporou aos seus estudos urbanos.

O que representou uma imensa transformação nas ciências ocidentais era matéria antiga na filosofia africana e nos conhecimentos do antigo Egito (CUNHA JUNIOR, 2010). As religiões africanas, a ontologia africana e as filosofias africanas produziram conjuntos de pensamento que constituíram os conceitos do que se chama hoje sustentabilidade. A complexidade ficou expressa na filosofia africana na relação dos seres humanos com os seres da natureza, num universo de dois terrenos, que são do mundo visível e invisível. A complexidade é um conceito chave nas filosofias africanas, os demais conceitos decorrentes também estavam expressos de

formas diversas nas culturas africanas. Por exemplo, o conceito de NTU gera os conceitos de Muntu, Kintu, Hantu, Kuntu na filosofia Bantu, o que implica em uma relação linguística entre esses conceitos, portanto a base africana antecede em muito o entendimento da complexidade na interpretação da sociedade com relação aos europeus (CUNHA JUNIOR, 2010).

A elaboração dos conceitos de bairros negros e de população negra são baseados nos conceitos de africanidade e de afrodescendência que nascem do Pan africanismo e renascem da conceituação de filosofias africanas e da cosmovisão africana. Na construção conceitual figuram as concepções de africanidade e afrodescendência ligados à filosofia, cosmovisão, história e cultura africana.

Os conceitos de africanidade e afrodescendência nasceram da necessidade de construir ideias que possibilitassem um enfoque epistêmico em torno das populações africanas e sua descendência no Brasil, tendo em conta rejeitar o conceito eurocêntrico de universalidade da história e cultura humana e trabalhando com a realidade da história africana e com as especificidades dos africanos no Brasil. Trata-se de conceitos estabelecidos na vertente do movimento Pan africano, baseado nos trabalhos de Cheike Anta Diop (DIOP, 1963) e Theophilo Obenga (OBENGA, 1990) e da filosofia africana. Africanidade é a forma africana de pensar as sociedades e os seus conhecimentos com base na matriz civilizatória do Rio Nilo e difundida na diversidade das culturas africanas (DIOP, 1963; 1955). Africanidade é a matriz africana do conhecimento e da cultura africana. Afrodescendência são as transformações da matriz africana empreendida no Brasil com as limitações impostas pelos sistemas de dominação do escravismo criminoso e do capitalismo contendo o racismo estrutural (CUNHA JÚNIOR, 2001). Trata-se de uma opção como campo empírico conceitual de estabelecimento de modelo complexo, sistêmico e transdisciplinar para estudar as especificidades das populações negras no Brasil.

População negra, que pode ser definida pela herança africana e pela história do Brasil, são descendentes de africanos que sofreram a experiência histórica do escravismo criminoso e do capitalismo racista. Com relação à manifestação da identidade, o censo brasileiro apresenta as populações de pretos e pardos. Do ponto de vista dos censos podemos considerar a população negra como o conjunto dos que se declaram pretos e pardos. São conceitos que sempre deixam dúvidas com relação a uma parcela da população e como todo conceito, visto como modelo de aproximação da realidade, não serve para todos os casos e para todas as situações. Mas no caso da compreensão da existência de uma população negra, vivendo um período histórico não

universal e se desenvolvendo em contextos específicos da realidade brasileira, o conceito de população negra é bastante potente.

Pensando os bairros negros na formação das cidades brasileiras conforme (CUNHA JUNIOR, 2007), no passado brasileiro antes das invasões portuguesas e da exploração colonial, as cidades eram formadas pelas aglomerações de populações indígenas, que não foram tratadas na literatura como tal por razões do eurocentrismo das nossas ciências humanas e por razões também do racismo científico que contaminou a ciência no Brasil. Ficaram denominadas de aldeias e tribos e nunca, jamais cidades ou vilas. Com o avanço da dominação europeia e com a expansão do escravismo criminoso, a colonização africana dos espaços é um fator inequívoco da formação econômica brasileira, visto que os conhecimentos e as formas de produção foram africanos, porém, dominados pelos europeus. Também por razões do eurocentrismo a dominação foi confundida com a colonização, assim como também a destruição do patrimônio indígena é confundida com a colonização. Mas na proporção em que foi se dando o povoamento foram produzidas vilas e cidades de populações negras, portanto na gênese havia uma grande proporção de cidades brasileiras com significativa parte de população negra. Certamente as ciências da geografia urbana e do urbanismo brasileiro precisam modificar os referenciais históricos sobre a formação das cidades brasileiras e também os conceitos e teorias utilizados para estudar essas formações. A introdução da afrodescendência nesse contexto de produção de ideias históricas é de importância em razão conceituar a transformação do legado africano na produção da sociedade brasileira, incluindo as cidades. A urbanização e industrialização intensiva brasileira é um fenômeno histórico, social, cultural, político e econômico que define o século XX na nossa sociedade, são fenômenos históricos precedidos pelo escravismo criminoso como única forma de produção da abolição desse, da transição dos estatutos de trabalho, da intensificação do racismo antinegro estrutural e da constante operação de desqualificação do trabalho da população negra, como também da prática sistemática do financiamento para instalação de amplo setor de população europeia, através de grandes correntes imigratórias. A imigração europeia foi uma política do estado brasileiro contrária aos interesses da população negra e guiada por princípios racistas antinegros.

A formação e expansão das cidades brasileiras no século XX sempre segregaram formas de racismos institucionais e ambientais contra as populações negras. A produção de bairros negros e de cidades negras é uma constante na formação urbana brasileira, em todas as cidades existem a formação de culturas negras, de formas urbanas da população negra e instalação de

populações negras. Sendo que essas foram controladas pelas políticas públicas do estado, pelas ações dos mercados imobiliários, pelos interesses dos grupos brancos e tornaram-se sistematicamente vulneráveis quanto às condições de ocupação do solo urbano. Bairros negros e cidades negras formam uma síntese conceitual das relações sociais, política, culturais e econômicas entabuladas entre as populações negras e brancas na formação das cidades brasileiras no século XX. Torna-se uma teorização explicativa através do espaço geográfico da condição social da população negra no Brasil. Bairros negros e cidades negras são construções empíricas significativas, primeiro por fazerem parte de uma forma de fazer ciência através da observação empírica, que constitui também uma forma de pensar (produção de conceitos e teoria) as relações sociais brasileiras de forma transdisciplinar, além das teorias econômicas apenas, integrando a existência do racismo antinegro estrutural e procurando a superação do eurocentrismo.

Podemos pensar “Bairros negros” e “cidades negras” como uma epistemologia de como abordar transdisciplinarmente a experiência histórica das populações negra nas cidades brasileiras. A quebra do paradigma e da autonomia com relação ao pensamento hegemônico eurocêntrico e brancocêntrico das ciências no Brasil. As ciências eurocênicas e brancocênicas são feitas sempre sobre o “negro”, não para as populações negras. São sempre abordagens genéricas, trabalhadores, grupos populares, discriminados em geral, minorias excluídas, população colonizada, sem os conteúdos de especificidade que permita a real caracterização e expressão dessa camada da população.

Através do conceito de bairros negros é proposto um referencial epistemológico, modelo de análise, fortemente amparado pela experiência, com força empírica e partindo de concepções advindas das populações negras. Bairros negros têm como principal ponto de referência a produção de pesquisas e referencial conceitual a partir da experiência de vida da formação de pessoas negras, de pesquisadoras e pesquisadores negras (os). É um leque de epistemologias da população negra na produção da ciência brasileira, no campo do urbanismo e da relação racismo antinegro e da situação social da população negra.

Dentro do conceito de complexidade sistêmica a proposta de bairros negros é uma complexidade de quarta ordem, relativa ao número limitado de variáveis abordadas, as variáveis das relações sociais, econômicas, culturais e políticas. No entanto, é mais amplo que as propostas de classe social que apresentam uma relação sistêmica de classe dois, com apenas a articulação de duas categorias, trabalho e capital.

AS RUPTURAS ANTERIORES E O PAN-AFRICANISMO BRASILEIRO.

As retóricas acadêmicas brasileiras se fazem quase sempre olhando para uma bibliografia internacional e não a nacional. As bibliografias internacionais de brancos europeus e americanos, frutos do racionalismo eurocêntrico ultrapassado, raramente propõe pensadoras negras africanas ou caribenhas ou brasileiros negros. Em razão dessas práticas persistentes de exclusão é que sempre ficam de fora da literatura utilizada como renovadora ou crítica as perspectivas teóricas conceituais de Guerreiro Ramos (RAMOS, 1956, 1957), (CRUZ, 2014) e de Clovis Moura (MOURA, 1959; 1977; 1988; 1990; 1994; 2000), (OLIVEIRA, 2009). Perspectivas que propõem a interpretação da sociedade brasileira a partir da realidade do Brasil e não da adaptação dos conceitos da realidade da história europeia mimetizados nas explicações universalistas sobre a sociedade brasileira. Para os dois intelectuais, Ramos e Moura, o Brasil foi formado pela contradição entre trabalhadores negros escravizados e proprietários latifundiários brancos escravizadores criminosos. Guerreiro Ramos foi um dos sociólogos brasileiros mais famoso e importante no mundo, tendo trabalhado inclusive nos Estados Unidos, no entanto não lido e nem conhecido no Brasil. Entre as décadas de 1940 a 1950 o referido autor elaborou estudos muito semelhantes ao que hoje é denominado de pós-colonial, podem, portanto, serem considerados pioneiros dessa modalidade de pensamento. Procurou estudar a população negra, não excetuando a população branca, mas como o principal grupo social constituinte da nação brasileira. Pensou e se preocupou com as questões da economia brasileira e do desenvolvimento econômico, focando na população negra. No seu livro, introdução à sociologia brasileira, ele apresenta alguns aspectos interessantes, como estudar a patologia do branco brasileiro, patologia de dominação e de imposições e também ver a população negra por dentro, não apenas como objeto de pesquisa, mas como sujeito social, sendo o próprio pesquisador parte dessa população.

Clovis Moura quando trata de quilombos e das Guerras de Canudos, o faz na perspectiva do campesinato negro brasileiro (MOURA, 2000). Pensar nas especificidades da sociedade brasileira para formação de um pensamento social brasileiro. Também entende a produção intelectual como ativa, de intervenção na realidade e não apenas de análise acadêmica. Ambos, os autores acima citados são formuladores de ideias, intelectuais engajados nas transformações da sociedade. Orgânicos aos movimentos sociais, eles são intelectuais negros que fizeram parte dos movimentos negros e de movimentos sociais reivindicativos na sociedade brasileira, e

recentemente é que esses intelectuais têm sido estudados (MESQUITA, 2002), (OLIVEIRA, 2009), (CRUZ, 2014), (NOGUEIRA, 2007), (BARIANI, 2003).

Em 1945, a socióloga e psicanalista negra Virginia Bicudo realizou o primeiro trabalho de pesquisa em sociologia do Brasil tratando sobre população negra; Discutiu a territorialidade e particularidades da sociedade paulistana, o que culminou em uma dissertação de mestrado extremamente original, na qual ela parte das suas inquietações pessoais como mulher negra e vai a campo nos bairros paulistanos de grande densidade de população negra e faz enquetes sobre a vida das pessoas, das relações sociais e das discriminações contra a população negra, um grande trabalho empírico para depois teorizar, rompendo com a forma que a sociologia estava sendo implantada em São Paulo e no Rio de Janeiro. Ela fez parte das primeiras turmas a cursar sociologia no Brasil, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, também integrou a primeira turma a fazer mestrado em sociologia no Brasil. Apresentou um trabalho que além de original, é inquietante e historicamente importante, mas que foi tornado desconhecido. Obtive conhecimento a despeito desse trabalho de Virginia Bicudo através dos meus pais, pois eles foram contemporâneos da autora, mas foi muito difícil consultar o texto. E esse trabalho somente foi publicado em 2014 e mesmo assim permaneceu o silêncio em torno da pesquisa. Ela também pesquisou as relações sociais sobre crianças negras nas escolas paulistanas. Mas foi na construção da psicanálise brasileira que ela se tornou uma referência nacional (BICUDO, 1956). Também vale a pena considerar que o trabalho de sociologia de Virginia Bicudo é pioneiro na sociologia urbana das populações negras brasileiras.

Outras rupturas do pensamento negro com a ciência formal eurocêntrica foram os trabalhos de Manoel Querino e de Juliano Moreira. Em 1918, o intelectual negro Manoel Querino propôs numa conferência no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia uma ruptura, ao defender pensarmos o Africano como colonizador do Brasil, e não o Português. Argumentando sobre o conceito de colonização e dizendo que quem transferiu cultura e população para o Brasil foram os Africanos. Assim ele propôs considerarmos o Africano como colonizador do Brasil (QUERINO, 1918). Esse é um fato que retomamos ao considerar as tecnologias empregadas na colonização do Brasil e também nos fatores da cultura brasileira (CUNHA JUNIOR, 2010; 2019). A outra foi quando Juliano Moreira discutiu os paradigmas da ciência do século XIX, período de vivente racismo científico. Sua tese de doutoramento em 1891 rompeu com esse paradigma, declarando que tudo que se pensava sobre raça e sobre a população negra não passava das condições sociais em que a população vivia. Juliano Moreira foi um dos maiores

cientistas brasileiros, amplamente reconhecido no exterior, e tornado completamente desconhecido no Brasil. Se os trabalhos do Juliano Moreira e de Manoel Querino tivessem sido divulgados, as teorias de Gilberto Freyre seriam consideradas sem sentido. Houve uma criação e conservação de um paradigma dominante ligado a sociologia de Gilberto Freyre. A fabricação de uma ideologia nacional científica determinante para o reconhecimento científico de uma dominação ocidental.

Ainda em relação às rupturas ressalta-se que a principal característica do movimento Pan africanista foi a autonomia com relação ao pensamento europeu, visto que questionou as ideias científicas universalistas europeias. O Pan Africanismo que é um movimento social, intelectual, cultural, político e econômico e que reúne sindicalistas, militantes dos movimentos negros, militantes dos movimentos de independência africana, do continente africano e da diáspora na luta contra a hegemonia europeia, contra o racismo antinegro e contra as pressões das empresas americanas e europeias sobre os trabalhadores negros no mundo.

E esse não é um movimento recente, entende-se que autores como C.L.R. James (JAMES, 1989) e Nick Nesbit (NESBIT, 2008) já pensavam dessa forma, quanto às origens do pan-africanismo, muito antes do início do século XX. Desde a revolução do Haiti (1791 – 1804), já apareciam formuladores de ideias Pan-africanistas. Também nos movimentos negros brasileiros em 1904 já existiam militantes Pan Africanistas.

Os autores que citamos no início desse tópico, como pensadores que romperam com o pensamento hegemônico brasileiro, Guerreiro Ramos e Clóvis Moura, foram influenciados pelo Pan-Africanismo.

AS NECESSIDADES E O POSSÍVEL IMPACTO DA RUPTURA DE BAIROS NEGROS

Alguns problemas precisam ser destacados nesta finalização do artigo para permitir uma ampla conclusão. Os modelos científicos teóricos são apenas abstrações sobre possíveis realidades. Os modelos empíricos são descrições de realidades existentes sendo que contêm pouca abstração conceitual e teórica. Considerando que a ciência é feita de abstrações e os modelos são simplificações das realidades, os modelos por mais sofisticados que sejam na sua elaboração conceitual teórica são sempre incapazes de descrever toda a realidade. Todos os conceitos e teorias partem da observação empírica de uma realidade particular, residente num determinado momento histórico. Sendo que os modelos são temporais e produzidos para uma determinada realidade. Assim, inexistente um modelo teórico que reflita todas as realidades em

todos os tempos históricos e em todas as situações geográficas. Há muitos erros em transpor os modelos para infinitas realidades e mais ainda em confundir a realidade com o modelo e produzir uma ideologia e não um trabalho científico. Muito da ciência eurocêntrica pratica essa forma da universalização da realidade, transformando os modelos europeus em normas para as ciências em todas as partes do mundo. O entendimento marxista é que todas as sociedades passariam pelas etapas da formação social europeias e que a contradição da formação capitalista em todas as sociedades seria entre trabalho e capital. Clóvis Moura não via assim a formação do Brasil, devido ao passado recente do escravismo criminoso brasileiro. Bastante instrutiva nesse sentido foi a adaptação feita por ele, do marxismo para o Brasil, partiu da contradição formadora da sociedade brasileira que foi entre o escravizado e escravizador, adversa da formação europeia, entre o trabalho e o capital. Para Clóvis Moura se criou uma forma diversa de dominação onde escravismo e racismo, comungam com capital e trabalho.

Percebe-se que na esfera das ciências ocidentais a hegemonia europeia é fato passado e superado do século XX. Principalmente pela massiva produção científica asiática, mesmo que não difundida no ocidente e pelas produções discordantes na própria Europa. Ocorreu que na Europa o debate sobre pós-modernidade ou sobre “o fim da história”, não que a história terminaria, mas que a visão predominante sobre a história da humanidade estaria encerrada, foi um contexto de crise das teorias da história e da teoria determinística marxista do último quarto do século passado. Término de um período de hegemonia que implicou em admitir que o pensamento europeu moderno, racionalista das ciências sociais, construído em torno de classe social, estado e capitalismo, não mais explica as sociedades europeias em razão da diversidade de cultura presentes, devido aos fluxos migratórios, aos fluxos de produtos produzidos fora da Europa e da complexidade da sociedade da informação. (ANDERSON, 1992), (FUKUYAMA, 1992, original de 1989). Mesmo com a mundialização da informação, com a difusão eletrônica da ciência e do conhecimento científico em escala internacional, esse estado de consciência das superações teóricas eurocêntricas ainda não se disseminou nas ciências sociais brasileiras. Continuamos no conjunto dos conhecimentos racionalistas modernos, difundindo o conhecimento moderno nas disciplinas de graduação e pós-graduação. Continuamos falando em rigor acadêmico e rigor metodológico com procedimentos superados. Face ao contexto conservador brasileiro, ainda eurocêntrico, é que grupos dissidentes aparecem como se fossem novas rupturas, sendo que eles apenas reproduzem ideias africanas e asiáticas que não tinham

sido divulgadas. Reinventam a roda, no entanto não de forma inovadora, a roda torta, em parte copiada e deformada pela omissão das fontes seminais, africanas e asiáticas.

Os modelos científicos são abstrações ou simplificações de racionalização das realidades focadas num tempo histórico e pertinentes a determinada realidade. Os modelos servem para analisar, explicar, compreender e interpretar as transformações da realidade baseada num número de pressupostos. No entanto, o conhecimento científico, a interpretação da realidade e não necessariamente a realidade é deduzida desses modelos. Ocorrendo, entretanto, que o conhecimento institucionalizado é decorrente não apenas da realidade, mas sim da interpretação do modelo. Sendo que, por exemplo, as leis ou as políticas públicas têm como base o conhecimento da realidade a partir das interpretações desses. Com base nessas interpretações da ciência e sobre o papel da ciência é que se vê a necessidade de conceitos e teorias situados no presente momento histórico e que preencham as necessidades de conhecimento daquele momento histórico. População negra e bairros negros são conceitos situados na realidade da população negra no século XX e XXI, período histórico da pós-abolição e período de grande urbanização da sociedade brasileira. Trata-se de um modelo construído com base na experiência humana de africanos e afrodescendentes, sendo conceitualmente uma ruptura com os modelos eurocêntricos.

Apesar das limitações que todos os conceitos sofrem, vê-se potencialidade em abrir a possibilidade de novos enfoques sobre o urbanismo, incluindo específica e particularmente a população negra, retirando-a da generalidade de pobres, discriminados, informais, periféricos ou população explorada pelo capital sem demais detalhamentos e sem história específica.

Bairros Negros, embora sendo um conceito recente o seu fazer existir é construção que envolveu uma ampla herança de pensadoras e de ideias passadas, podemos defini-lo como remanescente de ampla literatura produzida secularmente pelo pan-africanismo e pelos intelectuais negros brasileiros. O conceito de Bairros Negros rejeita os novos rótulos de decolonialidade e de pós-colonialismo ou demais termos que expressam uma ruptura nova dando a entender que sejam uma novidade do presente. Inclusive, quando foi formulado o conceito de Bairros Negros se tinha a noção de que as chamadas rupturas eram ideias concebidas em meados do século passado ou até antes e que muito do passado se encontra rerepresentado sem as devidas referências.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHAD, J. **Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350**. New York: Oxford University Press, 1989.

AMSELLE, J. L. **L'Occident décroché: enquête sur les postcolonialismes**. Paris: Fayard, 2010.

ANDERSON, P. **O Fim da História: de Hegel a Fukuyama**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

BALANDIER, G. **Sociologie des Brazzavilles Noires**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 1985.

BARIANI, E. **A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias** (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). 2003. 112f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2003.

BERNAL, M. **Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization**. New Jersey: Rutgers University Press, 1987.

BEN-ELI, M. **Systems Thinking and Systems Modelling**. Switzerland: University of St. Gallen, 2019.

BICUDO, V. L. **Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. 1945. 192f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Escola Livre de Sociologia e Política, São Paulo. 1945.

BICUDO, V. L. **Nosso Mundo Mental**. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1956.

BOYON, J. Une idéologie africaine: le Nkrumaïsme. **Revue française de science politique**, Année 1963, 13-1, p. 66-87, 1963.

CHARLES, B. Le socialisme africain: mythes et réalités. **Revue française de science politique**, 15^e Année, n. 5, p. 856-884, 1965.

CORNING, P. A. 1995. Synergy and Self-organization in the Evolution of Complex Systems. **Systems Research**, v. 12(2), p. 89-121, 1995.

CUNHA JUNIOR, H. Africanidades, afrodescendência e educação. **Revista Educação em Debate**, ano 23, v.2, n. 42, 2001.

CUNHA JUNIOR, H. História e Memória de Bairros de Maioria Afrodescendentes. *In*: VASCONCELOS, J. G. *et al.* (org.). **Interfaces Metodológicas na História da Educação**. 1 ed. Fortaleza: Edições da UFC, 2007.

CUNHA JUNIOR, H. NTU. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n.108, p. 81-91, 2010.

CRUZ, L. B. da. **O pioneirismo de Alberto Guerreiro Ramos nos estudos sobre hierarquias raciais**: a gênese de uma formação discursiva pós-colonial. 2014. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

DIOP, C. A. **Nations Negres et Culture**. Paris: Presence Africaine, 1955.

DIOP, C. A. **The Cultural Unity of Negro Africa**. Paris: Présence Africaine, 1963.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

JAMES, C. L. R. **The Black Jacobins**. New York: Vintage, 1989.

KATSAKIORIS, C. L'union soviétique et les intellectuels africains Internationalisme, panafricanisme et négritude pendant les années de la décolonisation, 1954-1964. **Cahier du Monde Russe**, vol. 47, n. 1-2, 2006.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LEGUM, C. **Pan-Africanism**. New York: Praeger, 1962.

MAUREL, C. L'histoire générale de l'Afrique de l'Unesco: Un projet de coopération intellectuelle transnationale d'esprit afro-centré (1964-1999). **Cahiers de Etudes Africaines**, n. 215, p. 715-737, 2014.

MESQUITA, E. **Clovis Moura**: uma visão crítica da história social brasileira. 2002. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279133>. Acesso em: 2 ago. 2018.

MOURA, C. **Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1959.

MOURA, C. **O Negro**: de Bom Escravo a Mau Cidadão. São Paulo: Dandara, 1977.

MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo Perspectiva: 1988.

MOURA, C. **As injustiças de Clio**: o negro na historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Oficina de Livros, 1990.

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1994.

MOURA, C. **Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos**: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

NESBITT, N. **Universal Emancipation**: The Haitian Revolution and the Radical Enlightenment. Charlottesville: University of Virginia Press, 2008.

NICOLIS, G.; PRIGOGINE, I. **Exploring complexity**: An introduction. New York: W. H. Freeman, 1989.

NOGUEIRA, J. C. A sociologia e a política em Guerreiro Ramos. **Revista Esboços**, n. 15, p. 67-84, 2007.

OLIVEIRA, F. N. de. **Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra**. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

OBENGA, T. **La Philosophie africaine de la période pharaonique – 2780-330 avant notre ère**. Paris: L'Harmattan, 1990.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I (1984). **Order out of Chaos**: Man's new dialogue with nature. London: Heinemann, 1984.

SENGHOR, L. S. [Correspondência]. Destinatário: **I. Potehin**. Dacar, Senegal, 1961.

RAMOS, A. G. **1957 - Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda., 1957.

RAMOS, A. G. **A Redução Sociológica - Introdução ao Estudo da Razão Sociológica**. Rio de Janeiro: Editorial MEC/ISEB, 1956.

UNESCO. **Histoire générale d'Afrique**. Paris: UNESCO, 1981.

Artigo recebido em: 8 de junho de 2020.

Artigo aprovado em: 2 de setembro de 2021.